

João Vaz Corte Real

O navegador João Vaz Corte-Real terá nascido no Algarve (provavelmente em Tavira) por volta de 1430 e morreu em Angra, a 2 de julho de 1496, tendo sido sepultado no Convento de São Francisco.

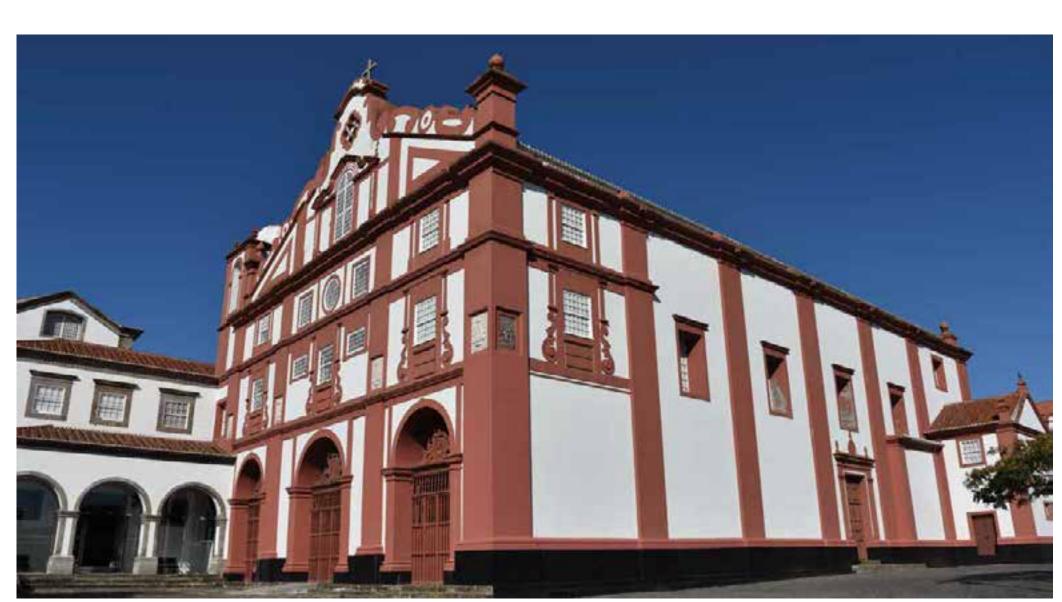
Pertencente a uma das famílias mais relevantes da cidade de Tavira, João Vaz Corte Real foi um dos primeiros europeus a chegar ao continente americano, talvez apenas precedido pelos vikings em cerca de 500 anos.

Por ser filho bastardo, a aventura ultramarina surgiu como meio para conseguir obter o património de que carecia e para afirmar a sua linhagem. Casou com Maria Abarca (filha de Pedro Abarca, fidalgo galego). Recebeu a capitania de Angra por carta de 2 de abril de 1474 e a capitania de São Jorge por carta de 4 de maio de 1483.





Molde da estátua João Vaz Corte Real, Igreja de N.ª Sr.ª da Guia



Igreja de N.ª Sr.ª da Guia





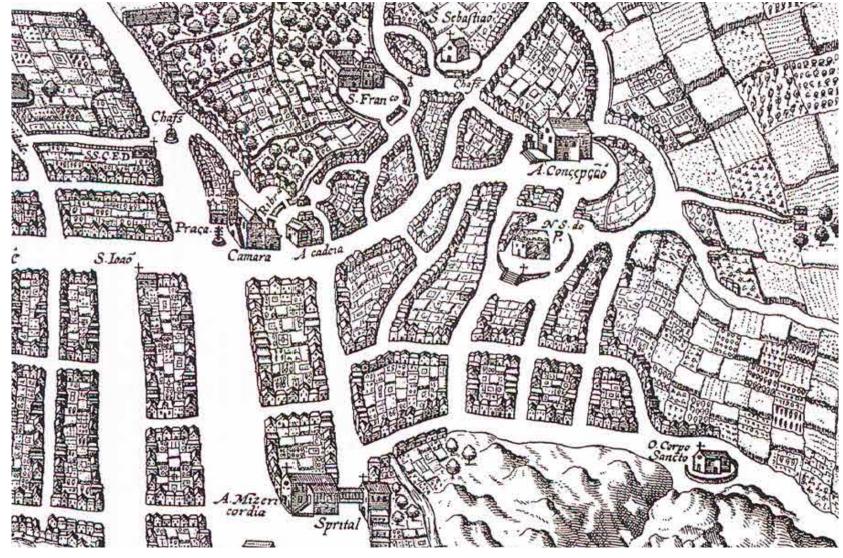
A doação da capitania de Angra, que surgiu na sequência da morte do primeiro capitão da ilha Terceira, Jácome de Bruges, foi concedida pelos serviços que João Vaz Corte Real prestou nas viagens de exploração no Atlântico.

João Vaz Corte Real tornou-se capitão do donatário da parte de Angra em 1474 e, nesse ano, teve lugar o início da segunda fase do povoamento da ilha Terceira. Ao instalar-se em Angra, fez-se acompanhar pela sua mulher e outros parentes. A sua ação passou por distribuir terras em regime de sesmaria, uma das suas atribuições enquanto capitão do donatário; mandou edificar, à sua custa, a capela-mor do Convento de São Francisco em Angra; e, juntamente com outros povoadores, instituiu o Hospital de Angra, por compromisso de 15 de março de 1492. Na sequência da ação de Álvaro Martins Homem, João Vaz Corte Real esteve na edificação de Angra.

João Vaz Corte Real esteve algumas vezes ausente da ilha Terceira, sendo substituído nessas ocasiões pelos filhos Gaspar e Miguel, que se destacariam anos depois como navegadores. João Vaz Corte Real morreu em Angra em 2 de julho 1496. Na capitania de Angra, sucedeu-lhe o filho mais velho, Vasco Anes Corte Real.



Brasão de armas de Vasco Anes Corte Real



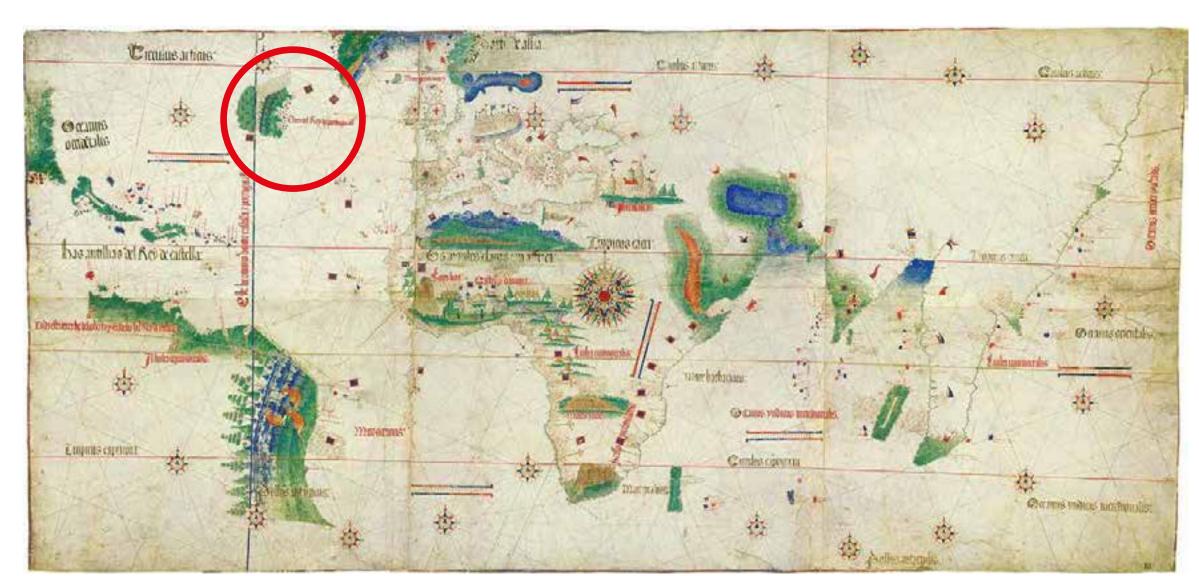
Detalhe da carta de Jan Huygen van Linschoten, Angra



Pioneiros na exploração do Novo Mundo

A primeira viagem de João Vaz Corte Real, ao continente americano, foi realizada cerca de 1470, tendo talvez chegado à Terra Nova. Mais tarde realizou outras viagens que lhe permitiram explorar as margens dos rios Hudson e São Lourenço, até ao Canadá, e chegar à península do Labrador.

João Vaz Corte Real participou em expedições luso-dinamarquesas, ao abrigo do acordo firmado entre o rei D. Afonso V e o seu primo Cristiano I da Dinamarca. No século XV, a Dinamarca era um vasto reino que controlava os mares do norte. Portugal está mais do que nunca empenhado na exploração



Planisfério de Cantino (1502), onde está representado a Terra Nova como "Terra del Rey de portuguall"

do Oceano Ártico, devido à pesca do bacalhau e à tentativa de descobrir por aí uma passagem para a China. Em 1461, o rei de Portugal D. Afonso V estabeleceu um acordo com Cristiano I para a exploração dos mares do Norte.



Entre as várias expedições que foram feitas destacam-se:

Em 1473, o Infante D. Fernando, mandou João Corte Real e Álvaro Martins Homem descobrir a Terra Nova dos Bacalhaus.

Em 1495, João Lavrador e Pêro de Barcelos chegaram à Gronelândia e à Península do Lavrador.

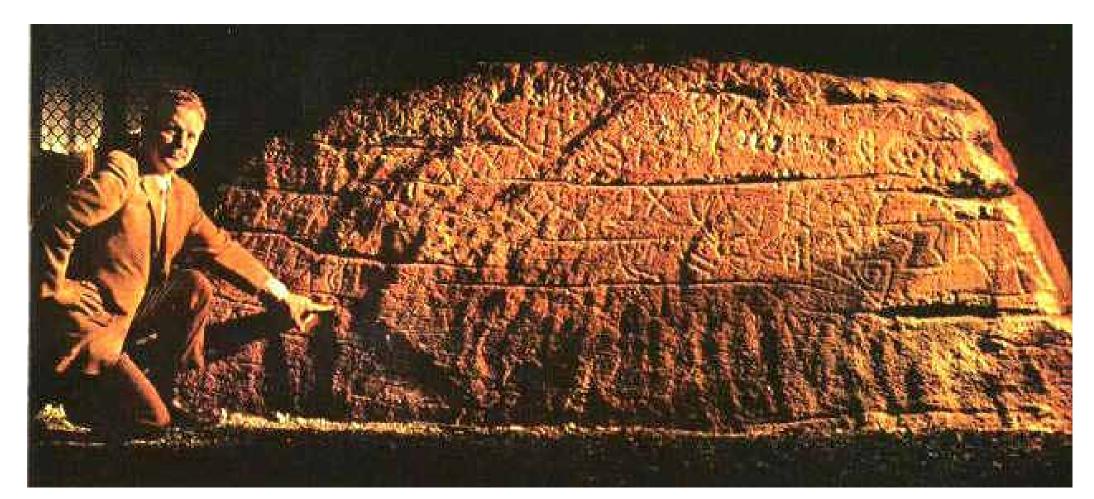
Entre 1500 e 1506, os irmãos Miguel e Gaspar Corte Real, seguindo a rota do seu pai, procurando uma passagem para os mares da China, chegam à Terra dos Bacalhaus e desaparecem pouco depois nos mares gelados do Norte.



Os filhos e a pedra Dighton

João Vaz Corte Real teve sete filhos. Três deles, Gaspar Corte Real, Miguel Corte Real e Vasco Anes Corte Real, foram navegadores audaciosos, continuando o espírito de aventura de pai.

Seu filho mais novo, Gaspar, em 1500, fez a sua primeira viagem à Terra Nova então chamada "Terra dos Corte Reais". Partiu em 1501 numa segunda expedição ao Continente Americano e nunca mais voltou. O outro filho Miguel, partiu em 1502 em busca de seu irmão e também nunca mais foi visto.



Edmund Delabarre, junto à pedra



Interpretação da inscrição na Pedra de Dighton - Museu da Marinha, Lisboa

Em 1918, Edmund Delabarre, da Brown University, escreveu (em inglês): "Eu vi, clara e indubitavelmente, a data 1511. Ninguém até à data a viu, ou detetou, na pedra ou em fotografia, mas uma vez vista, a sua presença genuína não pode ser negada".

Um médico Luso-Americano, Manuel Luciano da Silva, que como historiador e investigador amador, viu e reconheceu em Fall River, Massachusetts, a prova que Miguel Corte Real ali esteve em 1511. Essa prova é constituída por uma grande pedra, conhecida pela pedra de Dighton, em que se podem ver vários escudos em V com cruzes idênticas às usadas nas velas das naus e caravelas portuguesas.

Depois de gravada, a pedra de Dighton esteve 500 anos ao "sabor dos ventos e das marés". A erosão deixou a pedra muito maltratada. Em 1974, a pedra foi colocada dentro de um pavilhão fechado sendo salva do ambiente destrutivo em que se encontrava.